

MEDICINA PLANETÁRIA E A SAÚDE DE GAIA

Lewis Thomas, no seu livro *The Youngest Science* (A Mais Jovem das Ciências), retrata de modo persuasivo a vida de um médico nos dias que precederam 1940. Ele conta que quando era criança, acompanhava o pai, um clínico geral, nas suas visitas a pacientes com a sacola preta que continha apenas **três drogas** de valor terapêutico comprovado:

1. **Morfina** - (um dos mais importantes alcalóides do ópio, usado como analgésico e narcótico)
2. **Digitalina** - (glicosídeo obtido das folhas da dedaleira e de plantas do gên. *Adenium*, utilizada em quadros cardiopáticos como tônico e diurético) e
3. **Adrenalina** – (hormônio secretado pela medula das glândulas supra-renais e fundamental no mecanismo da elevação da pressão sanguínea; importante na produção de respostas fisiológicas rápidas do organismo aos estímulos externos, é usada como estimulante cardíaco, como vasoconstritor nas hemorragias da pele, para prolongar os efeitos de anestésicos locais, e como relaxante muscular na asma brônquica).

Na época, não havia remédios como os antibióticos de hoje. A única maneira pela qual um médico poderia influenciar de modo favorável o progresso da batalha contra o agente de uma doença era melhorar o estado de ânimo do paciente.

O principal a ter em mente é que a prática da **medicina planetária se assemelha à medicina humana** antes da revolução científica que começou na década de 1940. Nós nos encontramos em um **estado de profunda ignorância científica a respeito da Terra, e a ciência de que dispomos é ainda dificilmente aplicável à solução dos nossos problemas ambientais.**

Sabemos que gases da atmosfera, principalmente o CO₂ exercem uma profunda influência sobre o clima, provocando o aquecimento global pelo efeito estufa. Esse conhecimento está longe de ser suficiente para nos permitir propor um sistema global para a administração do clima. Manter o planeta saudável com um clima estável é tão difícil para nós quanto manter o corpo saudável, livre das doenças existentes na natureza.

No final do século XIX, pouco ou nada se podia fazer para minorar os flagelos da tuberculose, da difteria e de infecções estreptocócicas virulentas. Mais de cinquenta anos se passaram até que os antibióticos e as técnicas de imunização eliminassem efetivamente essas doenças.

A abordagem científica analítica nos ajuda a diagnosticar a doença na presente **encarnação de Gaia**, mas a prescrição de remédios está muito além de nossa habilidade, e é perigoso tentar fazê-lo se permanecemos ignorantes. Isso não quer dizer que nada possa ser feito.

Em meados do século XIX, os **problemas ambientais eram tão sérios como os nossos atualmente** e havia epidemias de doenças transmitidas pela água, a cólera e a febre tifóide, que causaram a morte de um terço dos habitantes de algumas metrópoles em alguns meses.

Os médicos agiam pronta e empiricamente instalando suprimentos de água limpa e instalações eficientes para a coleta e a remoção de águas usadas.

Era o tipo de ciência que encorajava **o bom médico a intuir que o corpo é maravilhoso na sua capacidade de cuidar de si mesmo**. Na falta de quaisquer terapias racionais, era **melhor deixar a natureza seguir o seu curso** ajustando ossos quebrados e de realizar outros atos necessários para

reparar qualquer dano. Os médicos da atualidade, embora familiarizados com a bioquímica e a microbiologia, **ainda reconhecem que uma vida saudável é o que realmente importa.**

Evitam prescrição de remédios poderosos, tais como os antibióticos. Cada vez mais, parece o verdadeiro papel do médico **não é curar doenças, mas impedir que aconteçam**, de modo que possamos desfrutar com plena saúde o nosso quinhão de vida.

Da mesma maneira, o papel de um bom médico planetário deveria ser o de persuadi-lo das vantagens de viver bem com Gaia. De fazê-lo sentir por Gaia, ou pela Terra, o que você sente pelo seu próprio corpo. No presente estágio do nosso conhecimento a respeito da Terra, as prescrições não têm mais nem menos valor do que as panacéias do nosso velho médico de família, que atendia os doentes em casa.

Enquanto ficarmos apenas indignados como o desmatamento indiscriminado da Amazônia, no estado e em particular no município de Barretos, e omissos com relação à complacência dos órgãos de fiscalização em todas as esferas seja federal, estadual ou municipal, o planeta Terra continuará o processo de aquecimento comprometendo seriamente a vida das futuras gerações.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental – rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br